

Beatriz Figueirinha

bia.sfig@gmail.com

**Do histórico e social ao técnico e visual:
contributos para o estudo da coleção de renda de
bilros do Museu Nacional Soares dos Reis**

Resumo

O presente texto apresenta, de forma abreviada, os processos e os resultados desenvolvidos na investigação realizada no âmbito do estágio curricular do Mestrado em Museologia na Universidade do Porto. A investigação teve como objeto o estudo da Coleção de Rendas Portuguesas do Museu Nacional Soares dos Reis, especificamente, das rendas de bilros atribuídas ao centro de fabrico de Vila do Conde, ainda ativo. O estudo da coleção contemplou diferentes abordagens a fim de contribuir para o processo de documentação da coleção, visando fornecer bases para uma futura categorização da mesma e para auxiliar no processo de inventário.

Palavras-chave: [Estudo de coleção; Renda de bilros; Cultura material; Inventário; Vila do Conde].

Nota biográfica

Beatriz Figueirinha é mestre em Museologia pela Universidade do Porto, possui licenciatura em História e Filosofia pela Universidade Católica de Petrópolis (Brasil), é especialista em Artes Visuais e designer de Moda pela Universidade Estácio de Sá (Brasil). Atua como investigadora autónoma fazendo pesquisas para projetos sobre moda e história têxtil, além de produzir artigos para revistas e congressos. Já trabalhou na área de conservação preventiva de coleções têxteis em museus e coleções particulares no Brasil.

Abstract

This text briefly presents the processes and results developed in the research carried out as part of the curricular internship for the Master's Degree in Museology at the University of Porto. The object of the research was to study the Portuguese lace collection at the Soares dos Reis National Museum, specifically the bobbin lace attributed to the Vila do Conde manufacturing center, which is still active. The study of the collection included different approaches to contribute to the process of documentation of the collection, with the aim of providing the basis for its future categorization and to assist in the inventory process.

Keywords: [Bobbin lace; Collection study; Material culture; Inventory; Vila do Conde].

Biographical note

Beatriz Figueirinha holds a master's degree in Museology from the University of Porto, a degree in History and Philosophy from the Catholic University of Petrópolis (Brazil), and is a Specialist in Visual Arts and Fashion Designer from the Estácio de Sá University (Brazil). She works as a freelance researcher doing research for projects on fashion and textile history, in as well as producing articles for magazines congresses. She has worked in the field of preventive conservation of textile collections in museums and private collections in Brazil.

Introdução

O estágio curricular que deu origem a este texto foi realizado entre 2023 e 2024 no âmbito do Mestrado em Museologia da FLUP, orientado por Alice Semedo, Sandra Senra e Maria Lobato. O relatório do estágio tem o mesmo título do presente artigo e teve como objetivo oferecer contributos para apoiar o processo de inventário da referida coleção. A dimensão da importância desta investigação justifica-se pelo inegável valor histórico e social da coleção de renda de bilros e a importância de valorizar e preservar o saber-fazer pelo estudo da técnica, oferecendo mais visibilidade às particularidades (e necessidades) de um inventário têxtil, e pelo pensamento feminista, realçando perspetivas analíticas emergentes no âmbito da Museologia. A investigação realizada também pretende dar visibilidade às coleções têxteis e contribuir ao seu inventário, por ser uma etapa importante na documentação em museus.

1. Objeto de estudo

A coleção de Rendas do Museu Nacional Soares dos Reis (MNSR) é constituída essencialmente por rendas de bilros, provenientes do extinto Museu Comercial e Industrial do Porto (MICP), do final do século XIX, tendo tido Joaquim de Vasconcelos como idealizador e diretor. A coleção possui cerca de trezentas amostras de rendas atribuídas a cinco centros de fabrico: Fuzeta, Peniche, Setúbal, Viana do Castelo e Vila do Conde. É composta, em sua maioria, pela renda de bilros, ainda que haja quinze peças da renda do tipo “a malheiro” atribuídas a Fuzeta.

Os museus industriais e comerciais, no Porto e em Lisboa, foram criados por decreto em 1883, como complemento ao ensino nas escolas industriais, proporcionando instrução prática através de exposições, divulgação e preservação dos produtos nacionais, das matérias-primas e dos processos produtivos (Diário do Governo, n.º 103, de 07 de maio de 1884, p. 1159). Esse contexto acompanhava a tendência europeia de valorizar e estimular os setores da indústria e do comércio com a criação de museus como por exemplo o South Kensington Museum, atual Victoria & Albert (Loureiro, 2005; Rodrigues, 2013).

O MICP foi inaugurado em 1886 no antigo Circo Olímpico no Palácio de Cristal e foi

extinto em 1899 com o argumento que não teria atingido o seu objetivo (Leandro, 2014). No final dos anos de 1920, o que restou da coleção do MICP foi depositado no Palacete dos Braguinhas e no Instituto Superior do Comércio. Apenas em 1940, a Direção Geral de Fazenda Pública, junto à direção do MNSR, deu um destino às coleções. Foi nesse período que a coleção de rendas de bilros foi incorporada no MNSR. O arquivo deste museu possui a documentação que trata sobre esse processo e seu estudo auxiliou a compor a biografia da coleção e a entender o processo de incorporação.

Outra etapa do estudo foi a de pesquisa sobre a renda de bilros, incluindo o contexto português. A renda de bilros, também conhecida como renda de almofada ou renda de ossos, devido a utilização de bilros em osso ao invés de madeira, tem uma origem muito imprecisa em relação ao período, ao local, e até mesmo ao desenvolvimento da técnica. As diversas hipóteses existentes confirmam a imprecisão, que é um reflexo da migração das técnicas artesanais e das consequentes modificações e adaptações às diferentes culturas, hábitos e mercados.

Registos documentais e iconográficos indicam que a renda de bilros poderia ter surgido entre o fim do século XV e o início do século XVI. As regiões em que se desenvolveu abrangem Bélgica, Itália e Suíça (Palliser, 1865 e 1984; Earnshaw, 1982 e 1983; Felippi, 2021). Conforme apurado e até ao presente momento, o primeiro registo que há em Portugal sobre a existência de rendas no país é a Pragmática de D. Sebastião de 1560. Embora não esteja determinado o tipo de renda, o documento regista o seu uso e os gastos excessivos. Porém, é na pragmática de D. João V, em 1749, que se tem o registo da relevância de Vila do Conde na produção de rendas de bilros, pois teria sido a rendilheira vila-condense Joana Maria de Jesus, representante do Norte na Corte, a levar um documento ao rei a fim de sensibilizá-lo quanto à proibição das rendas. O documento clamava pela sobrevivência financeira das rendilheiras e negociantes. A intervenção resultou na alteração da pragmática através de um alvará com permissão da utilização de rendas nacionais em alfaias de serviço doméstico (Rêgo & Pires, 2005).

Portanto, a fim de delimitar o estudo, optou-se por concentrar a investigação nas rendas de bilros atribuídas ao centro de fabrico de Vila do Conde, por ser o mais expressivo em quantidade, e ainda por ser um centro ativo no país e por ter um museu

dedicado às rendas de bilros que contribuiu com a investigação. Embora tenha sido feito este recorte, em determinados momentos, foi preciso abordar toda a coleção a fim de ampliar o alcance dos resultados.

2. Objetivo

O trabalho teve como objetivo investigar e documentar as peças da coleção sob a perspetiva da Cultura Material, produzindo um estudo da coleção que contempla aspetos históricos, sociais, documentais e técnicos.

Os principais objetivos da investigação desenvolveram-se em torno das diversas questões que surgiram ao longo do estágio, assim sendo:

- Fazer um levantamento bibliográfico, uma análise documental e uma sistematização das informações sobre o tema;
- Desenvolver alguns aspetos da biografia da coleção;
- Sugerir novos termos para uma classificação tipológica de toda a coleção, a fim de atualizá-los, justificando-os com base em revisão bibliográfica e conversas com especialistas;
- Destacar a técnica de bilros como um fator de auxílio para a identificação e especificação das peças da coleção;
- Desenvolver um glossário para auxiliar o inventário e servir como base para uma futura categorização da coleção.

3. Metodologia

A metodologia utilizada teve como referencial as metodologias de estudo de coleções de Jules Prown (1982 e 1994) e de Susan Pearce (1994 e 2005), por se entender que estas abordagens contemplam os resultados indispensáveis neste contexto. Ao adaptar as metodologias às particularidades da coleção, esta etapa consistiu, inicialmente, na recolha de informações bibliográficas, como publicações académicas, artigos, documentos e ofícios, bem como fontes orais.

Neste ponto, destaca-se o apoio dado pela especialista em rendas, Doutora Vera Felippi, e pela rendilheira e técnica do Museu de Rendas de Bilros de Vila do Conde, Doutora Isabel Carneiro. A partir da recolha de dados, foi realizada a análise da informação, que originou as etapas do processo de estudo e os respetivos resultados/contributos.

4. Referencial teórico

A fim de sustentar e reforçar os argumentos que permearam toda a investigação, abrangendo os aspetos históricos, sociais, técnicos e visuais, foram abordados alguns conceitos teóricos apreendidos durante o mestrado, como o conceito de biografia dos objetos (Kopytoff, 2008) e o de Cultura Material (Tilley, 1994 e 2006; Meneses, 1998; Miller, 1998; McCracken, 1986), em que os objetos devem ser analisados no quadro sociocultural em que foram produzidos (Meneses, 1998; Pearce, 2005). Soma-se a isso, de acordo com autores como Sandra Dudley (2012), Tim Ingold (2020) e Susan Pearce (1994), a consideração de informações de cunho mais afetivo.

Esta abordagem conduziu ao questionamento, surgido no início da investigação, sobre a relevância de estudar a perspetiva de quem produziu as rendas: as mulheres rendilheiras. Por essa razão, torna-se necessária a perspetiva feminista, como a da autora Rozsika Parker (1996), bem como a análise sobre a desvalorização do trabalho artesanal associado ao estereótipo de feminilidade, resultante da atribuição de valores e narrativas de poder (Shelton, 2013; Duncan, 1995, citada por Honorato, 2019).

A construção da biografia de uma coleção tem uma relação direta com a gestão. Entende-se que as etapas do estudo de coleções, com base nas metodologias de Prown (1982 e 1994) e de Pearce (1994 e 2005), estão associadas à elaboração da ficha de inventário. O preenchimento desta ficha deve ser realizado de modo a contemplar uma linguagem acessível e a seguir uma padronização nos campos de preenchimento. A padronização também é essencial no uso dos termos e títulos relacionados com as funções atribuídas aos objetos, de forma a facilitar e ampliar a comunicação entre profissionais e museus.

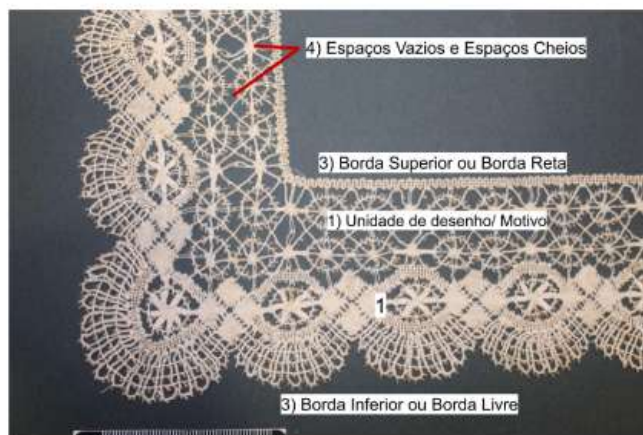
Para que esta padronização resulte numa boa prática museológica, é necessário seguir algumas normas, como, por exemplo, a norma Spectrum (Collections Trust, 2014), bem como documentos orientadores como os do Comité Internacional de Documentação do ICOM (CIDOC, 2014), o Código Deontológico do ICOM (2004/2008) e a Lei-Quadro dos Museus Portugueses (2004).

5. Resultados

A partir das diferentes abordagens feitas da coleção, os contributos desenvolvidos foram:

1. O registo fotográfico atualizado, o registo das dimensões das amostras e a identificação da tipologia de acordo com as suas funções.
2. A sistematização, associação e interpretação das fontes bibliográficas e documentais sobre a coleção. O levantamento sobre a origem da coleção resultou numa associação das informações coletadas em bibliografia especializada e na documentação do arquivo do MNSR, resultando no conteúdo do capítulo dois do relatório e em um complemento com a sistematização das Correspondências e Ofícios sobre a incorporação, inventário e demais informações sobre a coleção (1940 - 1950). Também foi feita uma relação com as exposições e catálogos que a coleção integrou, além de uma relação dos documentos consultados para facilitar o acesso aos mesmos.
3. O uso da técnica de bilros como fator de identificação e especificação das amostras da coleção - “Documento-Guião” (Fig. 1) - Partindo do princípio de que através da análise da técnica é possível identificar um tipo de renda (Shepherd, 2003), foi desenvolvido um esquema para a leitura dos “elementos constitutivos da estrutura de linguagem visual e técnica da renda de bilros”, adaptado a partir das especialistas Pat Earnshaw (1983) e Vera Felippi (2021), a fim de evitar equívocos na identificação do tipo de renda/técnica. Foram selecionadas para essa análise, nove amostras de Vila do Conde, com a finalidade de se oferecer um “documento - guião” para auxiliar na identificação da técnica de bilros, proporcionando também, um modelo de descrição para a ficha de inventário.

Elementos constitutivos da estrutura de linguagem visual e técnica:



Fonte: ©MNSR, fotografia e esquema de Beatriz Figueirinha, 2024.

1. **Unidade de desenho/ Motivo:** Rosinha maior e menor, Trevo e Estrela.
2. **Contorno:** -
3. **Borda Superior:** (interior) barão feito com torcidos.
Borda Inferior: Recorte arredondado feito com quatro fileiras de Tranças com serrilhas.
4. **Espaços Vazios e Espaços Cheios:** Os espaços vazios são formados na ligação entre os motivos que é feita com o movimento de torção, denominado, neste caso, por Torcido. O Ponto de pano que forma as Rosinhas e o Trevo, e ponto Salientes que forma a Estrela, são pontos cheios. Há duas Rosinhas: a maior com Tranças que saem do seu centro e a liga com a outra Rosinha, menor, cercada por Tranças com serrilhas.

Figura 1 - Demonstrativo de parte de uma das fichas produzidas com o esquema de leitura visual da renda de bilros. ©Beatriz Figueirinha, 2023.

4. A criação de um glossário como base para a categorização da coleção e apoio ao inventário.

A partir da compilação de toda a informação recolhida sobre as rendas de bilros, tanto de forma generalizada como no contexto específico de Vila do Conde, foi criado um glossário contendo imagens e a descrição dos termos utilizados, a identificação dos pontos, dos motivos, dos utensílios e dos elementos que constituem as amostras de rendas selecionadas, assim como as tipologias sugeridas para a coleção, de acordo com as funções das amostras.

Tendo como ponto de partida as fontes consultadas, o glossário procura alcançar um equilíbrio entre o conhecimento académico produzido sobre o tema em diferentes

localidades e o conhecimento prático de quem produz a renda, ou seja, a fonte oral. Devido à grandiosidade da coleção, optou-se por construir o glossário com base nas nove amostras mencionadas anteriormente.

O glossário tem como objetivo complementar e dar mais clareza às informações incluídas nas fichas de inventário (Fig. 2).



GLOSSÁRIO					
Designação	Outras Designações	Tipo de Objeto	Descrição Fonte Oral	Descrição Fonte Bibliográfica	Imagem
Alfinetes	-	Utensílio	-	“Serve para prender as linhas trabalhadas pelos bilros, conforme o esquema de execução ou o pique, que predetermina os pontos onde tal se afigura necessário” (Rêgo & Pires, 2005, p. 81).	 Alfinetes ©Beatriz Figueirinha, 2024.
Almofada <i>Pillow</i>	-	Utensílio	-	Utensílio de forma cilíndrica, com uma abertura ao centro (denominada em Peniche por “rolo”). A almofada é preenchida por diferentes materiais, conforme a localidade, como, por exemplo, palha de centeio, capim ou serragem e forrada por tecido de algodão, conhecido em Vila do Conde por “banda” e por “saia” em Peniche (Rêgo & Pires, 2005, p. 82).	 Almofada ©Beatriz Figueirinha, 2024.

Figura 2 - Excerto demonstrativo do Glossário desenvolvido para a coleção de rendas de bilros. ©Beatriz Figueirinha, 2023.

Todas as fontes utilizadas na investigação, como, por exemplo, as relacionadas com os diferentes profissionais de museus e universidades consultados, contribuíram para as escolhas e definições dos termos apresentados, sendo devidamente justificados e exemplificados. Utilizaram-se como referência as diretrizes do CIDOC - ICOM (2014), a publicação de Patrícia Harpring (2016) e do Instituto Português de Museus (2000a; 2000b).

5. Questionamentos e processos

Para alcançar os resultados e contributos desenvolvidos, foi percorrido um longo caminho. Apenas após o contacto direto com a coleção, a pesquisa em documentos e inúmeras conversas com profissionais, especialmente com a gestora da coleção, foi

possível compreender melhor a formação da coleção, a sua organização e outros aspetos. Embora tenha sido planeado um projeto inicial, foi a experiência prática que deu forma à investigação.

Além disso, o estudo de uma coleção, independentemente da sua dimensão, não se esgota. No caso da coleção de rendas, ainda restam algumas dúvidas a serem esclarecidas, como, por exemplo, a originalidade dos suportes em cartão onde as rendas estão fixadas. Também é necessário refletir sobre os termos utilizados e sobre como dar continuidade aos contributos apresentados, como o glossário, que foi elaborado com o intuito de ser um documento introdutório e de servir de base para um futuro vocabulário controlado da coleção.

Outros aspetos foram identificados e trabalhados preliminarmente durante o estágio, como a revisão dos termos constantes na relação de inventário de 1941, onde se observou o uso de termos iguais para referir peças com aparência e funções distintas. Diante disso, foi necessário compreender cada peça e determinar como estas poderiam ser identificadas dentro do contexto museológico atual.

Ao particularizar o tema em Vila do Conde, foi possível observar e discutir o uso de termos regionais/locais e os seus significados, contrapondo-os com os termos pesquisados em diferentes instituições museológicas de vários países. Ao consultar coleções de outros museus, verificou-se uma variedade de termos utilizados, evidenciando a ausência de padronização e de percepção clara sobre a funcionalidade e a aparência dos artefactos.

Apesar desta realidade, em colaboração com a gestora do MNSR e a partir da análise, comparação e verificação dos termos, foi possível estabelecer as diferenças entre eles e sugerir outros que, no presente momento, parecem mais adequados ao contexto museológico em estudo, justificando as escolhas feitas (Fig. 3).

Centro de Fabrico	Técnica	Tipologia Inventários 1941 e 1948	Tipologia sugerida	Quantidade
Vila do Conde	bilros	Renda	Bordadura	86
		Entremeio	Entremeio	52
		Gola	Gola	2
		Punhos*	Punhos	2
		Quadrado de renda	Renda quadrangular para aplicação	2
		Cabeção e punhos	Encaixe e punhos	1
		Tira de Renda	Echarpe	2
		Renda e entremeio	Bordadura e entremeio	1
		Não constam no inventário**	Fragmento de renda	2
		Total		150
Viana do Castelo	bilros	Renda	Bordadura	54

Figura 3 - Pa Exemplo da organização da coleção por centros de fabrico, tipologias e quantidades

©Beatriz Figueirinha, 2023.

O inventário de 1941 também revela uma informação que passou despercebida algumas vezes. Nas rendas atribuídas à Fuzeta está escrito “renda a malheiro”. Ao observar as amostras, nota-se um aspeto diferente na aparência em relação às demais (Fig. 4). Joaquim de Vasconcelos escreveu um artigo para *O Comércio do Porto* em 1886 sobre a coleção de rendas e comenta sobre o facto das rendas da Fuzeta serem feitas com um instrumento chamado “malheiro” (1983).

Com o auxílio da rendilheira e da especialista em rendas, foi possível confirmar que as amostras de Fuzeta não foram feitas com bilros. Dar ênfase a esta informação é fundamental para esclarecer equívocos passados, uma vez que as amostras de Fuzeta já foram apresentadas em exposições e catálogos como sendo de bilros.



Figura 4 - Detalhe das rendas Ref. 82 Tex MNSR e 52.1 Tex MNSR. ©MNSR, fotografia de Beatriz Figueirinha, 2023.

A partir desse ponto, percebe-se a importância de caracterizar a técnica de bilros para a sua correta identificação (Shepherd, 2003). Para tal, foi necessário apresentar e descrever as suas características, como os utensílios utilizados, a formação dos pontos, os motivos, entre outros. Assim, organizar cada termo utilizado na investigação e esclarecer os seus significados em diferentes contextos revelou-se crucial para auxiliar na identificação da renda e na produção da ficha de inventário.

O processo de aprendizagem sobre a técnica de bilros por uma pessoa não especializada mostrou ser um desafio, destacando o valor do trabalho colaborativo e o cuidado que se deve ter no preenchimento das fichas de inventário.

Considerações finais

Outros contributos e resultados surgiram a partir desta investigação, como uma apresentação no Encontro de Investigação Jovem da Universidade do Porto e a participação na 1.ª Semana de Museologia da FLUP. Houve também a oportunidade de apresentar a peça do mês de junho, escolhida pelo público através das redes sociais do MNSR.

No final, verificou-se que o trabalho desenvolvido não se restringe ao MNSR, pois, de

acordo com a avaliação recebida sobre a investigação, alguns dos contributos oferecidos podem auxiliar outros museus que possuam coleções de rendas. Além disso, os questionamentos apresentados e os resultados alcançados nesta investigação pretendem incentivar outras instituições a questionarem as suas coleções e a reverem os termos que utilizam, contribuindo, assim, para a discussão.

Por este motivo, destaca-se a importância de partilhar o conhecimento e os resultados obtidos na investigação, promovendo parcerias e melhorias na gestão museológica.

Agradecimentos

Agradeço às orientadoras Alice Semedo, Sandra Senra e Maria Lobato Guimarães, ao Museu Nacional Soares dos Reis e aos técnicos que contribuíram para o estudo desenvolvido, ao Museu de Renda de Bilros de Vila do Conde, especialmente, à Arminda Rodrigues e a rendilheira Isabel Carneiro e à especialista em renda, Vera Felippi. Agradeço também a todos os profissionais e instituições que auxiliaram e ao amigo Alberto Chillón pelo trabalho de parceria nas atividades de estágio.

Referências

Assembleia da República. (2004). Lei n.º 47/2004. *Diário da República* 1ª Série, 195 (agosto), 5379–5394.

<https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/47-2004-480516>

CIDOC. (2014). *Declaração de princípios de documentação em museus e diretrizes internacionais de informação sobre objetos: Categorias de informação do CIDOC*.

Secretaria de Estado de Cultura; Associação de Amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo. <https://cidoc.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/6/2020/03/CIDOC-Declaracao-de-principios.pdf>

Dudley, S. H. (2012). Encountering a Chinese horse: Engaging with the thingness of things. In S. H. Dudley (Ed.), *Museum objects: Experiencing the properties of things* (pp. 1–15). Routledge.

Earnshaw, P. (1982). *A dictionary of lace*. Shire Publications.

<https://archive.org/details/dictionaryoflace0000earn>

- Earnshaw, P. (1983). *Bobbin & needle laces: Identification and care*. B. T. Batsford Ltd.
- Felippi, V. (2021). *Decifrando rendas: Processos, técnicas e história*. Edição da Autora.
- Honorato, C. (2019). A museologia pós-crítica segundo os Tate Encounters. *Mouseion*, (33), 93–107. <http://dx.doi.org/10.18316/mouseion.v0i33.5440>
- ICOM. (2004/2008). *Código deontológico do ICOM para museus*. ICOM Portugal. <https://www.icom-portugal.org/>
- Ingold, T. (2020). Of work and words: Craft as a way of telling. In V. O. Jorge (Coord.), *Modos de fazer / Ways of making* (pp. 13–31). <https://hdl.handle.net/10216/127852>
- Instituto Português de Museus. (2000a). *Normas de inventário: Normas gerais em artes plásticas e artes decorativas*. <http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/NormasInventario.aspx>
- Instituto Português de Museus. (2000b). *Normas de inventário: Normas de inventário para a categoria têxtil*. <http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/NormasInventario.aspx>
- Kopytoff, I. (2008). A biografia cultural das coisas: A mercantilização como processo. In A. Appadurai (Ed.), *A vida social das coisas: As mercadorias sob uma perspectiva cultural* (pp. 89–121). EdUFF.
- Leandro, S. (2014). *Joaquim de Vasconcelos: Historiador, crítico de arte e museólogo. Uma ópera*. Imprensa Nacional–Casa da Moeda.
- Loureiro, C. (2005). Museu Industrial e Comercial do Porto (1883–1899). In A. Semedo & A. C. F. da Silva (Eds.), *Coleções de ciências físicas e tecnológicas em museus universitários: Homenagem a Fernando Bragança Gil* (pp. 185–201). Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Departamento de Ciências e Técnicas do Património, Secção de Museologia. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7652.pdf>
- McCracken, G. (1986). Culture and consumption: A theoretical account of the structure and movement of the cultural meaning of consumer goods. *Journal of Consumer Research*, 13, 71–84.

- Meneses, U. T. B. de. (1998). Memória e cultura material: Documentos pessoais no espaço público. *Revista Estudos Históricos*, 11(21), 89–103.
<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067/1206>
- Miller, D. (1998). Why some things matter. In D. Miller (Ed.), *Material cultures: Why some things matter* (pp. 3–21). UCL Press.
- Palliser, B. (1865). *History of lace*. Sampson Low, Son, & Marston.
<https://books.google.pt/books?id=viEMAAAYAAJ&printsec=frontcover>
- Parker, R. (1996). *The subversive stitch: Embroidery and the making of the feminine*. Bloomsbury Visual Arts.
- Pearce, S. M. (1994). *Interpreting objects and collections*. Routledge.
- Pearce, S. M. (2005). Pensando sobre os objetos. In M. Granato & C. P. Santos (Orgs.), *Museus: Instituição de pesquisa, MAST Colloquia 7* (pp. 11–22). MAST.
https://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/940/1/mast_colloquia_7.pdf
- Prown, J. D. (1982). Mind in matter: An introduction to material culture theory and method. *Winterthur Portfolio*, 17(1), 1–19. <http://www.istor.org/stable/1180761>
- Prown, J. D. (1994). Mind in matter: An introduction to material culture theory. In S. M. Pearce (Org.), *Interpreting objects and collections* (pp. 133–138). Routledge.
- Rêgo, P., & Pires, A. (2005). *Rendas de bilros de Vila do Conde: Um património a preservar*. Câmara Municipal de Vila do Conde; ADAPVC.
- Regulamento dos Museus Industriais e Comerciais, Direção Geral do Comércio e Indústria. (1884). *Diário do Governo*, n.º 103, 1159–1162.
<http://digigov.cepese.pt>
- Rodrigues, S. L. (2013). A génese dos museus de artes industriais e decorativas. *Revista Vox Musei*, 1(2), 389–402. <http://hdl.handle.net/10451/9166>
- Shelton, A. (2013). Critical museology: A manifesto. *Museum Worlds: Advances in Research*, 1(1), 7–23. Berghahn Journals.
- Shepherd, R. (2003). *Lace classification system*. Powerhouse Museum.
<https://www.readkong.com/page/lace-classification-system-rosemary-shepherd-2003-5008824>
- Tilley, C. (1994). Interpreting material culture. In S. M. Pearce (Org.), *Interpreting objects and collections* (pp. 67–75). Routledge.

Figueirinha, B. (2024). Do histórico e social ao técnico e visual: contributos para o estudo da coleção de renda de bilros do Museu Nacional Soares dos Reis. In A. Semedo, S. Medina e A. Chillón (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 12, 25-40). Porto:FLUP/DCTP/MMUS. <https://doi.org/10.21747/978-989-9193-79-6/ensa3>

Tilley, C. (2006). Introduction. In C. Tilley, W. Keane, S. Küchler, M. Rowlands, & P. Spyer (Eds.), *The handbook of material culture* (pp. 7–12). Sage Publications.

Vasconcelos, J. (1983). *Indústrias portuguesas*. (M. T. P. Viana, Org. e Pref.). Instituto Português do Património Cultural, Departamento de Etnologia.